

Relatório Anual 2009

GREENPEACE



imagem
Navio Arctic Sunrise no Encontro das Águas (AM),
no tour "Salvar o planeta. É agora ou agora."
6 de janeiro de 2009.
© Greenpeace/Rodrigo Baleia



Conteúdo

Mensagem da Direção	4
Relatório financeiro	5
Campanha de energias renováveis	6
Campanha de nuclear	8
Campanha de oceanos	10
Campanha de transgênicos	12
Campanha de clima	14
Campanha de florestas	16



A large banner is suspended from the Rio-Niterói bridge, featuring the text "world leaders: CLIMATE AND PEOPLE FIRST GREENPEACE". The banner is held up by several people in orange gear. In the background, a blue and white ship is on the water, and a city skyline is visible under a hazy sky.

world leaders:
**CLIMATE AND
PEOPLE FIRST**
GREENPEACE

Mensagem da Direção



Marcelo Furtado

Diretor executivo do Greenpeace Brasil

Nacionalidade e residência:

Marcelo é brasileiro e mora em São Paulo (SP).

imagem
© Greenpeace/Rodrigo Baleia

Começamos esse relatório anual dizendo um muito obrigado a todos que apoiaram nosso trabalho e todas as atividades realizadas em 2009. Graças a vocês e a mais de 15 milhões de pessoas em todo o mundo, milhares de cartas foram enviadas aos líderes mundiais para que comparecessem à Conferência do Clima em Copenhague, para trabalharem por um acordo justo e ambicioso para controlar o aquecimento global.

A conferência terminou, infelizmente, com resultados pífios. Porém, a mobilização originada em torno do problema foi, por si só, nossa vitória. Essa e outras ações de pressão foram uma enorme demonstração de força da sociedade civil. Presencialmente durante as atividades da expedição “Salvar o Planeta. É agora ou agora” ou por meios on-line como Twitter, Orkut e outras redes sociais, a participação e o engajamento da sociedade foram fundamentais em mobilizações - como “100 dias para Copenhague” - para reforçar e expressar a vontade coletiva de mudar o status quo.

A pressão pública foi também essencial no lançamento do relatório “A Farra do Boi na Amazônia”, que detalhou como grandes marcas de calçados e supermercados estariam contribuindo com o desmatamento da maior floresta tropical do mundo. O consumidor consciente

pressionou o mercado a rever suas práticas e levou os grandes frigoríficos do Brasil a se comprometerem a não comprar mais carne e couro provenientes de áreas recém-desmatadas na Amazônia. A questão ambiental ampliou seus horizontes no ano de 2009. Ao atingir públicos que não tinham ainda tanta intimidade com o tema, aproximamos das pessoas a compreensão de que o planeta está iminentemente ameaçado pelas mudanças provocadas pelo homem e que serão necessários promover transformações de hábitos e compromissos efetivos de todos os níveis da sociedade para impedir uma catástrofe. O Greenpeace Brasil tem a certeza de que a opinião e a mobilização públicas são o grande motor de resultados. Por isso, em 2010, contamos com vitórias ainda maiores - como impedir mudanças no Código Florestal, que ameaça a preservação de nossas florestas. Acontece também esse ano a 16ª Conferência do Clima, no México. É hora de irmos às ruas, mostrar aos chefes de Estado que o futuro das próximas gerações está em nossas mãos. Contamos com a força e o apoio de vocês para a continuidade de uma jornada que é longa, mas que certamente renderá frutos.

Relatório financeiro

Receitas



Contribuições do Greenpeace Internacional	6.006	53,6%
Contribuição de Colaboradores	4.996	44,6%
Financeiras/Outras	193	1,7%
Licenças	19	0,2%
Total Receitas	11.214*	100%

* em milhares de reais (R\$).

Despesas



Campanha de Clima e Energia	868	8,5%
Campanha de Florestas	1.604	15,8%
Campanha de Transgênicos	169	1,7%
Campanha de Oceanos	220	2,2%
Informação Pública e Difusão	1.053	10,3%
Pesquisa e Logística (Apoio a Campanhas)	1.681	16,5%
Relacionamento com Colaboradores	2.141	21%
Administrativas	2.447	24%
Total Despesas	10.183*	100%

* em milhares de reais (R\$).

nesta página

Parque Eólico de Osório, Rio Grande do Sul
© Greenpeace/Rodrigo Baleia

página da direita

Homem-placa solar em Porto Alegre na mobilização pelo Clima, pré-COP 15.
© Greenpeace/Guilherme Santos

Bons ventos

Promover o uso de fontes renováveis de energia é essencial para inserir o Brasil em um futuro de baixo carbono, dentro do contexto das mudanças climáticas. As energias renováveis são viáveis, não geram gases do efeito estufa e são uma alternativa a todas as usinas termelétricas fósseis e nucleares instaladas no país.

No ano de 2009, as atividades para essa campanha foram muitas. Em fevereiro, durante o tour “Salvar o Planeta. É agora ou agora”, o Greenpeace lançou a bordo do navio Arctic Sunrise o documento “Lei de Energias Renováveis: propostas para a Sustentabilidade Energética Brasileira”, com propostas para a sustentabilidade energética brasileira.

Ainda durante o tour, o governo da Bahia anunciou o licenciamento do primeiro parque eólico do Estado, que será construído em Caetitê. Com capacidade total de 700 MW, a instalação das usinas eólicas na cidade do interior baiano é especialmente significativa, já que a cidade abriga a mina de onde é extraído todo o urânio usado como combustível nuclear pelas usinas Angra 1 e 2.

Em junho de 2009, a eficiência energética entrou na vida de muitas pessoas: com o projeto Black Pixel, o cidadão comum pode contribuir, a partir do seu trabalho ou de casa, para reduzir a emissão de gás carbônico. O projeto baseia-se num programa que instala um quadrado preto na tela do computador. É possível desligá-lo a qualquer hora, mas, enquanto está funcionando, o quadrado reduz o consumo de energia e, conseqüentemente, as emissões de CO₂.

Em setembro foi a vez do Homem-Solar. A atividade foi parte da semana de mobilização pelo clima, série de ações que o Greenpeace organizou para chamar a atenção da população em torno das mudanças climáticas e cobrar compromissos reais do governo brasileiro na 15ª Conferência do Clima, que aconteceu em dezembro em Copenhague (Dinamarca).

Em dezembro o Greenpeace acompanhou de perto o primeiro leilão de energia eólica, que negociou 1.805 megawatts, mais do que a capacidade de Angra 2. Mas a consolidação de um mercado de energias renováveis consistente só será possível com o estabelecimento de uma Política Nacional para Energias Renováveis, de regras claras e estáveis e de regularidade de contratação de energia. Essa proposta já existe: o projeto de lei 630/2003, redigido pela Comissão Especial de Energias Renováveis, com contribuições do Greenpeace. Atualmente aguarda, sem previsão de data, votação no plenário da Câmara dos Deputados.

“O Brasil pode dar o exemplo explorando seu incomparável potencial para energias renováveis.”

Ricardo Baitelo, coordenador da campanha de energias renováveis.



ENERGIA DE SOBRA

➤ O Brasil tem um potencial na área de renováveis duas vezes maior do que a Alemanha (maior produtor de energia solar do mundo), segundo o Atlas Solarimétrico. Isso significa que, se apenas 5% de toda esta energia fosse aproveitada, toda a demanda brasileira por eletricidade poderia ser atendida.

nesta página

Ato em Salvador (BA) para alertar a população sobre o perigo da rota do urânio e dos impactos da contaminação em Caetité (BA).

© Greenpeace/Lunaé Parracho

página da direita

A população de Caetité (BA) depende da água de poços contaminados com urânio.

© Greenpeace/Lunaé Parracho

Na direção errada

Além de estar na contramão das energias que são solução no combate ao aquecimento global, a energia nuclear é uma opção cara e perigosa.

Ao longo de 2009, o Greenpeace trabalhou para informar e mobilizar a população brasileira contra a construção da usina de Angra 3 e a expansão da energia nuclear. Foram levantados também questões para que a situação dos moradores de Caetité não seja esquecida pela justiça e para que o país se desenvolva a partir de fontes limpas e renováveis de energia.

Em meio ao renascimento do Programa Nuclear Brasileiro, o Greenpeace apresentou em março de 2009 o relatório “Fracassos Nucleares Franceses”, que resume as principais conclusões de uma pesquisa realizada pela Global Chance, organização francesa sem fins lucrativos de cientistas especializados em energia. O documento mostrou como a aposta francesa em priorizar energia nuclear é um obstáculo concreto para que o país cumpra suas próprias metas de redução de emissões de gases de efeito estufa.

Foram apresentados também dados sobre a construção das usinas Angra 1 e Angra 2, marcada por atrasos, orçamentos estourados e falta de transparência governamental, corroborando o desempenho do setor nuclear ao redor do mundo. Após o lançamento, cerca de 200 pessoas participaram de uma marcha contra o programa nuclear brasileiro no centro de Salvador.

Em abril, um grupo de ativistas usou uma plataforma flutuante carregando quatro turbinas eólicas simbólicas para protestar diante das usinas nucleares de Angra dos Reis. O objetivo foi provocar o debate sobre os investimentos públicos na matriz elétrica brasileira, questionando os subsídios direcionados à construção de Angra 3 enquanto o potencial de geração eólica é desprezado pelo governo Lula.

Em agosto, cerca de 250 manifestantes de São Paulo, Rio e Salvador simularam uma “morte coletiva”, combinada pela internet, para protestar contra a compra de tecnologia nuclear francesa pelo governo brasileiro. No ano da França no Brasil, a estatal francesa Areva foi uma das principais patrocinadoras das comemorações que oficialmente tem apenas o objetivo de promover a cultura francesa no Brasil.

“Investir em nuclear é optar por um futuro de incertezas, além de frear todos os esforços de combate às mudanças climáticas.”

André Amaral, coordenador da campanha de nuclear



DENÚNCIA RADIOATIVA

➤ O Greenpeace denunciou, em outubro de 2008, a contaminação de dois poços d'água por urânio na área de influência direta da mina de urânio administrada pela INB. O resultado da denúncia do Greenpeace foi publicado no relatório “Ciclo do Perigo”. Em maio, a Justiça determinou que a INB, o governo da Bahia e os municípios de Caetité e Lagoa Real providenciassem água potável às populações da região. No mês de novembro, de acordo com denúncias encaminhadas ao Greenpeace, 30 mil litros de concentrado de urânio podem ter contaminado solo e água dos arredores da mina. A denúncia deste vazamento ao Ibama originou uma multa de R\$ 1 milhão à INB.

nesta página

Protesto embaixo d'água no Parque Nacional Marinho de Abrolhos, Bahia

© Greenpeace/Alcides Falangue

página da direita

Junichi Sato segura uma dos dez pedaços de carne de baleia apreendidos pelo Greenpeace.

© Greenpeace/Naomi Toyoda

An underwater photograph showing two divers in blue gear holding a large yellow banner. The banner has black text that reads 'Lula: ABRa os OLHOS', 'Salve o Clima.', and 'GREENPEACE'. The background is a clear blue ocean with some coral visible at the bottom.

Planeta Água

Toda vida que existe na Terra depende dos oceanos. Eles nos fornecem alimentos, energia, água, sal, entre outras matérias-primas importantes. Milhões de pessoas vivem em comunidades costeiras e dependem delas para sobreviver. Ainda assim, é evidente que o mau uso desses recursos e o aquecimento global vêm causando impactos diretos em nossos mares.

Nessa esteira de acontecimentos, o Greenpeace promoveu em 2009 uma série de atividades para alertar sobre a importância de se preservar a vida marinha. A primeira aconteceu durante o tour “Salvar o Planeta. É agora ou nunca”. Em Fortaleza, no mês de fevereiro, foi organizado, em parceria com as organizações cearenses Fórum em Defesa da Zona Costeira do Ceará (FDZCC), Instituto Terramar e Aquasis, um seminário que contou com a presença de ambientalistas e donos de restaurantes, para discutir os impactos ambientais da criação de camarão.

Em março, ainda durante o tour, na passagem pelo arquipélago de Abrolhos (BA), ativistas fizeram dois protestos sobre uma das atividades que ameaçam a região – a exploração de gás e óleo, um dos principais vetores do aquecimento global. Ambos os protestos exigiam do presidente Luiz Inácio Lula da Silva a criação, via decreto, de uma Zona de Amortecimento (ZA) com 95 mil quilômetros quadrados para proteger o parque marinho e ajudar a manter a capacidade dos oceanos de atuarem como reguladores climáticos. Para reforçar a necessidade de criarmos e implementarmos áreas protegidas no Brasil, o navio Arctic Sunrise, foi também à Laje de Santos (SP), para realizar atividades aliadas à conservação marinha.

Paralelamente o Greenpeace realizou trabalhos políticos e acompanhou medidas governamentais, como a criação do Ministério de Aquicultura e Pesca e a

exploração do pré-sal. Em agosto, a organização marcou presença na cerimônia de apresentação do novo marco regulatório do pré-sal, em Brasília. Os ativistas lembravam que, ainda que o desmatamento da Amazônia seja zerado nos próximos anos, tudo indica que as emissões decorrentes do pré-sal podem anular o seu impacto positivo e manter o Brasil entre os maiores emissores de CO₂ do mundo.

Em setembro, durante a Semana de Mobilização pelo clima, o tema não poderia faltar. O Greenpeace integrou o Dia Mundial de Limpeza de Praias, mutirão realizado em várias cidades litorâneas do Brasil. Para fechar o ano, no início de novembro o Greenpeace participou da Comissão Internacional para Conservação dos Atuns (Iccat), realizada em Porto de Galinhas/PE. Na pauta, estava o futuro do atum-azul.



LIBERDADE PARA NOSSOS ATIVISTAS

► Durante todo o ano deu-se andamento ao processo de Junichi Sato e Toru Suzuki, dois ativistas presos no Japão por denunciarem o contrabando de carne de baleia. Se acusados, Junichi e Toru podem pegar até dez anos de prisão. Em maio de 2008 ambos interceptaram uma caixa contrabandeada de carne de baleia e apresentaram ao Ministério Público que abriu uma investigação sobre a possível corrupção envolvendo o programa de caça subsidiado pelo governo japonês. A investigação foi interrompida logo depois - no mesmo dia em que Junichi e Toru foram presos e o escritório do Greenpeace Japão, revistado. No Brasil, protestamos em frente à embaixada japonesa.

“Áreas marinhas protegidas são hoje a ferramenta mais eficiente na recuperação e proteção dos nossos oceanos”

Leandra Gonçalves, coordenadora da campanha de oceanos

Cobaia não

O Greenpeace faz campanha contra a liberação dos transgênicos por seus impactos imprevisíveis, irreversíveis e incontroláveis. Ainda há pouquíssimos estudos sobre o que pode acontecer com a saúde humana ou animal caso esses organismos sejam plantados ou consumidos. Até agora, ninguém conseguiu provar que eles sejam totalmente seguros.



DILMA,
veneno no meu
prato não.

GREENPEACE

nesta página

Protesto na reunião da CTNBio, em Brasília (DF)

© Greenpeace/Felipe Barra

página da direita

Arroz-vermelho no Vale do Piancó, Paraíba.

© Greenpeace/Lunaé Parracho

Em 2009 a campanha de transgênicos encarou a temerosa possibilidade da aprovação do arroz transgênico pela Comissão Técnica Nacional de Biossegurança (CTNBio). Estudos independentes expõem os potenciais efeitos perversos do arroz da Bayer para a saúde humana e ambiental. Mesmo assim, a empresa pediu sua liberação para plantio no Brasil. Por isso, o Greenpeace colocou a questão nas ruas, explicando à população os riscos envolvidos.

Sob o slogan “Arroz transgênico – ser cobaia não é bom”, foi elaborada uma campanha e uma página especial no site, esclarecendo os problemas envolvidos com o pedido. Além de ciberação, o Greenpeace coletou milhares de assinaturas na semana do consumidor contra o arroz da Bayer, e levou a demanda dos cidadãos brasileiros para a CTNBio, na audiência pública do arroz transgênico, em março.

A organização acompanhou de perto as iniciativas contra a Lei de Rotulagem no Congresso, articulando com deputados uma importante defesa ao direito básico do consumidor de saber o que está comprando. O tema foi levado ao público, na participação de feiras e promoção de atividades. Em outubro, ativistas interromperam a reunião

da CTNBio para impedir a liberação do arroz geneticamente modificado. O protesto foi endereçado à ministra da Casa Civil, Dilma Rousseff, que também desempenha a função de presidente do Conselho Nacional de Biossegurança, cargo que dá a ela o poder de vetar qualquer pedido da indústria de biotecnologia para a liberação de novas culturas transgênicas. A votação foi adiada.

Na Semana da Alimentação, comemorada em outubro, voluntários foram para mercados, feiras, shoppings e praças públicas em Belo Horizonte, Brasília, Manaus, Porto Alegre, Recife, Rio, Salvador e São Paulo para conversar sobre os impactos da nossa alimentação no ambiente. A idéia era mostrar que, quando você escolhe alimentos livres de transgênicos, peixes que não correm risco de extinção e exige que a carne que você come não venha de áreas desmatadas, ajuda a cuidar do planeta.

“Se o arroz transgênico for realmente liberado, a Bayer fará dos consumidores brasileiros uma espécie de cobaia”

Rafael Cruz, coordenador da campanha de transgênicos



ARROZ VERMELHO

➤ O Greenpeace foi também a campo documentar a importância do arroz vermelho no Vale do Piancó, na Paraíba. Essa espécie tradicional está diretamente ameaçada pelo cultivo do arroz transgênico. A partir da documentação elaborada na Paraíba sobre o arroz vermelho, foi realizado um jantar no restaurante Dalva e Dito, em São Paulo, sob a batuta do chef Alex Atala. O evento buscou incentivar as boas práticas alimentares entre os grandes chefs de cozinha e formadores de opinião.

O clima esquentou

Já foi comprovado cientificamente que nossa sociedade é a causa de um violento e inédito aquecimento global. A queima de combustíveis fósseis para produzir energia e a destruição das florestas e dos oceanos são os principais motores das mudanças climáticas.



nesta página

Ato no Elevador Lacerda, em Salvador (BA), chama a atenção para a elevação do nível do mar.

© Greenpeace/Lunaé Parracho

página da direita

Mais de 100 mil pessoas protestaram em Copenhague no Dia Global pelo Clima.

© Greenpeace/Christian Aslund



“Temos de seguir em frente. Não apenas com marchas nas ruas, mas engajando o setor privado, o movimento social e os governos locais para transformar nossa comunidade e criar mais pressão política nos nossos governantes.”

Marcelo Furtado, diretor-executivo

O ano de 2009 foi decisivo na questão climática. Foi o ano em que muita gente soube o que eram os temidos 2°C a mais na temperatura do planeta e que impactos isso poderá trazer ao dia-a-dia de cada um. Nesse mesmo ano, o Greenpeace realizou uma série de atividades que fizeram o tema mudanças climáticas entrar em pauta.

Nos primeiros três meses do ano a organização contou com uma valiosa plataforma de campanha: o navio Arctic Sunrise. Em um tour de três meses pela costa brasileira, foram sete cidades visitadas, 22 mil visitantes em 17 dias com o navio aberto ao público, 1.200 novos colaboradores, 11 seminários com debates sobre mudanças climáticas entre governos e organizações, além de mais de 15 mil assinaturas da petição que cobrava do governo Lula uma postura efetiva no combate às mudanças climáticas.

A expedição “Salvar o Planeta. É Agora ou Nunca” foi iniciada em janeiro na Amazônia. Durante sua passagem por Manaus (AM), Santarém, Porto de Moz e Belém (PA), o foco da expedição foi o fim do desmatamento. Ao longo da costa brasileira, de Fortaleza a Santos, a expedição contribuiu para o debate sobre a preservação dos oceanos, a necessidade urgente de investimentos para fontes renováveis de energia e os perigos da aventura nuclear brasileira, todos entrelaçados com a temática do aquecimento global.

Em abril, trinta ativistas abriram uma faixa no vão principal da ponte Rio-Niterói com uma mensagem clara ao G-20: “Líderes mundiais: o clima e as pessoas em primeiro lugar”. No mês de julho, na sede da Unesco (Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura), onde Lula recebeu o prêmio Paz Félix Houphouët-Boigny, um ativista brasileiro cobrou o compromisso do presidente com o combate às mudanças climáticas.

Em agosto, a 100 dias da COP15, relógios gigantes instalados em Manaus, Porto Alegre, Rio, Salvador e São Paulo, em parceria com o movimento TicTacTicTac, iniciaram a contagem regressiva para a Conferência do Clima, em Copenhague.

Belo Horizonte, Brasília e Recife e também participaram da primeira mobilização pré-COP15: um “barulhão” para acordar os governantes para a urgência do tema. Foi então dada a largada para uma série de ações que chamavam a atenção do governo e da população: a Semana de Mobilização promoveu em oito capitais brasileiras atividades como limpeza de praias, vagas vivas e o Homem-Solar.

Em outubro, folhas da petição assinada por mais de 77 mil pessoas, pedindo que o Brasil assumira sua responsabilidade no controle do aquecimento global, foram entregues no Palácio do Itamaraty. Em dezembro, a Esplanada dos Ministérios serviu de palco para uma megamanifestação. O Greenpeace estendeu um banner gigante, de 9 mil metros quadrados e quase 1,5 tonelada, com um recado direto para o presidente. Foi o maior banner aberto pelo Greenpeace no mundo.



POLÍTICOS FALAM, LÍDERES AGEM

➤ A reunião sobre clima começou e o Greenpeace acompanhou tudo, do início ao fim. No Dia Global de Ação pelo Clima, que aconteceu durante a reunião, os protestos se multiplicaram ao redor de todo o mundo. Infelizmente o resultado de dias e dias de reunião foi só um: o fracasso. Os chefes de Estado abandonaram a COP15 sem declarações públicas e, principalmente, sem cumprir seu mais essencial objetivo: evitar os efeitos perigosos das mudanças climáticas. O “acordo de Copenhague”, costurado por 30 dos quase 200 países que integram a Convenção do Clima, é fraco e não representa nem um começo do que é necessário para controlar as alterações no planeta.

nesta página
Tratamento de couro bovino
em Cárceres (MT).
© Ricardo Funari/Lineair

página da direita
Volta Grande do rio Xingu,
no Pará.
© Greenpeace/Marizilda
Cruppe/EVE

A farra do boi

Maior floresta tropical do mundo, a Amazônia é um imenso estoque de biodiversidade do planeta, com inúmeras espécies animais e vegetais – muitas delas ainda desconhecidas pela humanidade. A proteção da floresta e a busca por soluções para o desenvolvimento da região é uma prioridade global do Greenpeace.

“Zerar o desmatamento da Amazônia até 2015 é a principal contribuição que o Brasil pode dar para salvar o planeta dos impactos das mudanças climáticas.”

Paulo Adario, diretor da campanha da Amazônia

Em janeiro de 2009, comunitários de Santarém e Belterra (PA) produziram um mapa participativo baseado em imagens de satélite e conhecimento tradicional. Seu lançamento fez parte da expedição do Greenpeace “Salvar o Planeta. É agora ou agora”.

Em maio, foi lançado o relatório-chave de todo o trabalho desenvolvido ao longo do ano na campanha da Amazônia. Após três anos de investigação sobre a indústria da pecuária brasileira, o relatório “A Farra do Boi na Amazônia” revelou que marcas de fama mundial como Nike, Adidas, BMW, Gucci, Timberland, Honda, Wal-Mart e Carrefour impulsionavam, involuntariamente, o desmatamento da Amazônia. A pecuária brasileira é hoje o maior vetor de desmatamento no mundo e a principal fonte de emissões de gases do efeito-estufa do Brasil. O estudo do Greenpeace revelou também que, nessa missão de devastação, a pecuária contava com um sócio inusitado, que tem entre suas atribuições zelar pela conservação da floresta amazônica: o Estado brasileiro.

Pão de Açúcar, Wal-Mart e Carrefour, em nota também assinada pela Associação Brasileira de Supermercados (Abras), anunciaram a suspensão de compras de produtos bovinos de 11 empresas frigoríficas no Pará, por não terem garantias de que a carne não vem de áreas desmatadas na Amazônia. Logo depois Nike e Timberland também anunciaram seu compromisso com o fim do desmatamento.

Como conseqüência, em outubro, os quatro gigantes brasileiros de abate e processamento de carne e couro do país deram um passo importante no esforço de evitar os impactos perigosos das mudanças climáticas e anunciaram, em evento promovido pelo Greenpeace na Fundação Getúlio Vargas, em São Paulo, critérios socioambientais adotados para impedir que a floresta amazônica continue a ser vítima da expansão da pecuária.

Em junho, três ativistas do Greenpeace foram detidos no Senado quando tentavam entregar à senadora Kátia Abreu (DEM-TO) a faixa de Miss Desmatamento. Essa não

foi a única atividade em Brasília: durante todo o ano, a organização acompanhou votações de projetos como o “Floresta Zero”. Em outubro, na votação desse projeto, ativistas acorrentados carregavam sirenes e cartazes com os dizeres “A bancada da motosserra quer acabar com nossas florestas”, lembrando que o projeto de lei inclui uma série de propostas que ameaçam as florestas brasileiras.

Em novembro, às vésperas de Copenhague, o Greenpeace documentou a união de quase 300 lideranças indígenas de 15 etnias que vivem na bacia do Xingu na aldeia Piraçu, na Terra Indígena Capoto/Jarina, no Mato Grosso, para protestar contra a construção da polêmica usina hidrelétrica de Belo Monte. Do registro produziu-se um documentário, que foi projetado na parede frontal do prédio do Ministério de Minas e Energia, em Brasília.



BELO MONTE

➤ Além de alagar 51 mil hectares de floresta, estima-se que a construção de Belo Monte atrairá para a região mais de 200 mil pessoas, provocando o aumento no desmatamento em diversos municípios da bacia do rio Xingu. De acordo com o relatório do Greenpeace “Revolução Energética”, sobre o futuro cenário energético do Brasil, o país tem condições de atender sua demanda a partir de fontes renováveis limpas e pouco impactantes em termos socioambientais, como eólica, solar e diferentes formas de biomassa.

GREENPEACE

O Greenpeace é uma organização global e independente que promove campanhas para defender o meio ambiente e a paz, inspirando as pessoas a mudarem atitudes e comportamentos.

Nós investigamos, expomos e confrontamos os responsáveis por danos ambientais.

Também defendemos soluções ambientalmente seguras e socialmente justas, que ofereçam esperança para esta e para as futuras gerações e inspiramos pessoas a se tornarem responsáveis pelo planeta.

O Greenpeace não aceita dinheiro de governos, partidos ou empresas. Ele existe graças às contribuições de milhões de colaboradores em todo o mundo. São eles que garantem a nossa independência.

Greenpeace Brasil
Rua Alvarenga, 2.331
Butantã, São Paulo-SP
05509-006
(11) 3035-1155